





O LUGAR MAIS SOMBRIO

A NOITE DA ESPERA

MILTON HATOUM

Para João e Gabriel
Para Davi Arrigucci Jr.
À memória de Benedito Nunes

*La historia que he narrado aunque fingida,
Bien puede figurar el maleficio
De cuantos ejercemos el oficio
De cambiar en palabras nuestra vida.*

J. L. BORGES, «La Luna»

الوحدة حبر السفر

[A solidão é a tinta da viagem.]

ADONIS, «Nos braços de outro alfabeto»





Inverno e silêncio. Nenhuma carta do Brasil.

Paris, dezembro, 1977

Cidade gelada, nem sempre silenciosa: algazarra de turistas na travessia de uma ponte sobre o Sena. Somos do mesmo país, andamos para margens opostas. Essas gargalhadas e vozes são verdadeiras?

Hoje, em Neuilly-sur-Seine, meu aluno francês ofereceu-me café e quis conversar um pouco sobre o Brasil. O bate-papo, de início besta, aos poucos rondou um assunto mais cabeludo, que logo ficou grave; para ir da gravidade ao terror político bastaram duas xícaras de café e uns biscoitos. No fim, meu aluno, mudo, pagou os quarenta francos da aula e me deu dez de gorjeta. Foi o lucro desta tarde fria e cinzenta.

Embolsei os francos e caminhei pelo Bois de Boulogne: árvores sem folhas, uma fina camada de gelo no solo, canto de pássaros invisíveis. A quietude foi assaltada por lembranças

de lugares e pessoas em tempos distintos: Lázaro e sua mãe no barraco de Ceilândia, a voz do Geólogo no *campus* da Universidade de Brasília, a aparição de uma mulher no quarto de um hotel em Goiânia, o embaixador Faisão recitando versos de um poeta norte-americano: «Apenas mais uma verdade, mais um/elemento na imensa desordem de verdades...»

Outro dia vi o rosto de Dinah, segui esse rosto e deparei com uma francesa, que se surpreendeu com o meu olhar; outros rostos brasileiros apareceram em museus, na entrada de um cinema em Denfert, nas feiras da cidade.

Peguei o metro até Châtelet, toquei violão no subterrâneo abafado e me lembrei das lições de música da Cantora. Não ouvi a língua portuguesa na plataforma nem nos corredores, peguei as moedas na capa do violão e andei pelo Marais até o Royal Bar. Um conhaque. Abri meu caderno de anotações e esperei meus três amigos, brasileiros. Marcámos às sete da noite.

Pessoas encapotadas passam na calçada da Rue de Sévigné, vozes enchem o Royal Bar, lá fora um saltimbanco atravessou o ar gelado e pediu uma moeda a uma mulher.

Oito e quinze da noite. Damiano Acante, Julião e Anita furaram.

Nem tudo é suportável quando se está longe...

A memória ofusca a beleza desta cidade.

Meu senhorio é um casal angolano que fugiu da guerra. Durmo neste quatinho em forma de trapézio; o teto é inclinado, só posso ficar de pé quando me aproximo da mesinha encostada

na parede da janela. Almoço por aqui mesmo, num bistrô da Rue de la Goutte-d'Or, ou do Boulevard de la Chapelle, a caminho do metro; depois atravesso a cidade para dar aulas particulares, na hora do *rush* desço na estação Châtelet, ganho uns trocados com a voz e o violão, e volto a Aubervilliers depois das dez da noite, quando os dois angolanos dormem. Ele é porteiro de um hotelzinho do bairro, e a mulher está desempregada. Conversam pouco comigo, sempre em português, e entre eles falam em quimbundo.

Hoje acordei assustado, levantei para beber água e bati com a cabeça no teto baixo. Manhã escura, meu mau humor cresceu com a lembrança do sonho.

De noitinha, fui ver Julião e Anita num café do Boulevard Arago. Julião me deu uma caderneta de capa verde, manchada, folhas enrugadas. Li na primeira página um poema de Ox e tentei decifrar os garranchos das outras.

— Meus últimos dias no Brasil, Martim. A debandada geral, cara... Lúcifer solto na Pauliceia. Não quero guardar a porra desse diário. Se eu reler esses rabiscos, vou sentir mais saudade dos amigos, da escola de samba e da Vila Madalena. A saudade destrói e seca o coração.

— Eu também fiz anotações — disse Anita. — Acho que esqueci a caderneta em São Paulo, na casa do Ox. Eu tinha anotado a primeira noite com o Julião e outras coisas da nossa república na Vila Madalena.

Quando Julião foi atender um cliente, Anita disse que ele estava desanimado com a vida em Paris.

— Não sei se é o inverno ou a língua, Martim. Ele está aprendendo francês, mas ainda se atrapalha muito. Fala fazendo mímica, é o mímico deste bar. Os clientes se divertem quando

ele gagueja em francês, faz mímica e diz baixinho: «*Pardon, pardon.*» Ganha uns trocados com o *show*, depois solta uns palavrões em português. No fim da noite, ele se lembra do Brasil e fica na fossa. Com tanta saudade assim, acho que vai adoecer.

Rue de la Goutte-d'Or, Paris,
2 de janeiro, 1978

— Você passou o Ano Novo aqui, olhando a noite por essa janelinha? — disse Damiano Acante.

Era o nosso primeiro encontro em Paris. Minha decisão de viajar para cá foi, em parte, influenciada por Damiano. Na nossa última conversa em São Paulo, ele me deu o número de um telefone parisiense e disse:

— Você aluga um quartinho num bairro de imigrantes, Martim. Um teto provisório. Pode dar aulas de Português e pagar o aluguel. No final de dezembro, quando eu chegar em Paris, arranjo um estúdio para você.

Damiano ainda ficou uns dias em São Paulo, não sei qual foi o trajeto da viagem dele: as fronteiras por onde passou, as escalas até desembarcar em Paris. Um expatriado pode esquecer seu país em vários momentos do dia e da noite, ou até por um longo período. Mas o pensamento de um exilado quase nunca abandona seu lugar de origem. E não apenas por sentir saudade, mas antes por saber que o caminho tortuoso e penoso do exílio é, às vezes, um caminho sem volta.

Ele mantinha a mesma expressão serena e misteriosa, a mesma voz sem alarde, só alterada quando dirigia os ensaios de uma peça. O rosto meio chupado estava ensombrecido por

uma barba grisalha, que diminuía ainda mais os olhos pequenos. Não disse onde morava. Sentado no colchão, observou o teto inclinado da mansarda, depois olhou de relance os livros e cadernos na sacola de lona. Pegou um texto encadernado, deu uma folheada e perguntou:

— Você guardou o *Prometeu Acorrentado*? Será que vale a pena colecionar fracassos?

Em seguida se desculpou por não ter ido ao Royal Bar na semana passada:

— Foi complicado deixar o Brasil, Martim. Complicado e arriscado.

— Todos me deram bolo no Royal Bar — disse eu.

— Todos, como?

— Você e dois amigos de São Paulo: Julião e Anita. Trouxeram dinheiro de São Paulo e alugaram um estúdio na Rue Daguerre.

— Rue Daguerre é um lugar caro. Você pode alugar um estúdio num bairro mais barato, Martim. A proprietária é uma amiga francesa, uma companheira. O estúdio fica na Rue d'Aligre, a rua do mercado, ao lado da Place d'Aligre. O aluguel é uma pechincha: quatrocentos francos.

Quatrocentos francos por mês: o valor de oito ou dez aulas de língua portuguesa. Pago sessenta por semana por um quarto em que mal posso ficar de pé.

— Vou dividir esse estúdio com alguém?

— Não. É um estúdio pequeno, mas um pouco mais espaçoso que este canil. E tem um banheirinho.

Colocou o texto de *Prometeu* na sacola:

— A embaixada de Cuba ajuda um pequeno grupo de exilados: o Círculo Latino-Americano de Resistência, Clar.

Vamos imprimir um boletim de notícias e um tabloide. Você apenas nos ajuda a distribuir exemplares. De vez em quando um amigo brasileiro vai dormir no estúdio, mas por pouco tempo. Você tem medo de alguma coisa? O pior já passou, Martin. Sei o que você está sentindo. Tenho muitos contactos no Brasil, não desisti de procurar tua mãe.

Última noite na Rue de la Goutte-d'Or, Paris, inverno, 1978

Minha mãe me esperava havia anos na casa de madeira de um sítio; perguntou porque eu tinha demorado tanto para encontrá-la.

Onde era esse sítio? Ipês floridos na paisagem ondulada, o céu e a luz do Planalto Central. Podia ser um sítio perto de Brasília, algum lugar no Distrito Federal ou em Goiás.

Queria ter perguntado: quem demorou, mãe? Quem adiou nosso encontro?

Não disse nada no sonho, e fiquei remoendo meu silêncio.

Agora, acordado, é tarde demais.

Rue d'Aligre, Paris, março, 1978

Tirei da sacola a papelada de Brasília e São Paulo: cadernos, fotografias, cadernetas, folhas soltas, guardanapos com frases rabiscadas, cartas e diários de amigos, quase todos distantes; alguns perdidos, talvez para sempre.